

Países discutem propostas à Carta da Terra

Cubanos querem que nações desenvolvidas financiem as ações necessárias para corrigir danos ambientais

SIMONE BIEHLER MATEOS

Enviada especial

CUIABÁ - Com cerca de uma centena de delegados de 16 países, representantes de mais de uma dezena de comunidades indígenas e quase mil expectadores teve início ontem, em Cuiabá, a Conferência Continental das Américas. O encontro deveria elaborar as sínteses das propostas latino-americanas e das norte-americanas para a Carta da Terra (que as Nações Unidas devem aprovar por volta de 2002). O documento é uma espécie de código de ética planetário, equivalente à Declaração Universal dos Direitos Humanos no que concerne à sustentabilidade, equidade e justiça. Dentre as propostas apresentadas, duas chamaram especialmente a atenção: a de Cuba e a dos Estados Unidos.

Os cubanos foram os únicos que apresentaram uma minuta detalhada para substituir na íntegra o rascunho da Carta da Terra, redigido no ano passado, durante a reunião Rio + 5. A Carta da Terra, proposta pelos cubanos, centra-se na necessidade de mudar o modelo de desenvolvimento, com seus padrões de acumulação, distribuição e consumo "insustentáveis", que impõem hoje em quase todo o planeta a civilização do "ter para ser".

O documento cubano destaca, em sua proposta, a responsabilidade diferenciada dos países desenvolvidos no financiamento das ações necessárias para corrigir os danos ambientais, uma vez que foram e são esses países "os maiores responsáveis pela deterioração ambiental imposta ao planeta, assim como os principais detentores dos recursos necessários para remediar esses males". O documento proclama uma melhor distribuição das riquezas e, para isso, um fluxo internacional de recursos tecnológicos e financeiros, livre de condiciona-

mentos políticos: "Para mudar os padrões de acumulação, distribuição e consumo, deve existir um eficaz e desinteressado intercâmbio tecnológico entre as nações."

Menos detalhada, a proposta brasileira enfatizou um mesmo ponto essencial em comum com os cubanos: a questão de que a erradicação da pobreza na maior parte do mundo passa pela eliminação do luxo e do desperdício em alguns poucos países. "Como vamos incluir dois terços da humanidade no consumo com a situação atual, em que apenas um terço consome?", perguntou o representante do Brasil, Samuel Santos, afirmando que a única resposta possível é que os povos do Primeiro Mundo passem a consumir menos, desperdiçar menos, "senão não sobreviveremos".

Também muito crítico, o documento apresentado pelos EUA sur-

preendeu ao criticar o rascunho da Carta da Terra por estar muito centrado na ótica do norte e refletir pouco a realidade e as abordagens das nações do sul. A avaliação norte-americana também classificou a minuta inicial de romântica, por refletir uma filosofia "new age", incompatível com o pensamento científico.

Além das sínteses das propostas norte-americanas e latino-americanas, a conferência tinha o objetivo de promulgar a Carta da Terra Latino-Americana, declaração de princípios éticos de ambi-

to continental. A ambição da convocatória inicial foi prejudicada pela pouca mobilização que os debates alcançaram na maioria dos países. Isso fez com que, já na abertura do encontro, parte dos organizadores estivesse com expectativas modestas quanto a orientações para futuras ações.

BRASILEIROS
ENFATIZAM
ERRADICAÇÃO
DA POBREZA